



ARTIGOS

RESUMO

O artigo visa apresentar a constante relação que a arquitetura estabelece com o homem e com o espaço, ressaltando os efeitos que ela causa e como o homem a percebe. Em um primeiro momento se descreve como se caracteriza essa linguagem arquitetônica e a importância de se compreender suas influências para garantir que ela possa transmitir experiências relevantes para o contexto em que se insere, por meio do conjunto de elementos que a compõem, identificando quais são esses elementos e como eles podem influir na vivência da arquitetura. Só então se apresenta os conceitos que fundamentam a fenomenologia propriamente dita, sendo que, ao se ter conhecimento destes fundamentos, o leitor já possa compreender como eles se apresentam para a arquitetura e como eles podem estreitar sua relação com o homem, garantindo seu valor antropológico.

PALAVRAS-CHAVE: Fenomenologia, Arquitetura e Urbanismo, Linguagem.

A FENOMENOLOGIA COMO FORMA DE EXPLORAR A LINGUAGEM
ARQUITETÔNICA

Carolina da R. L. Borges | Prof. CAU/UCB | Geovana A. de Oliveira | Aluna do CAU/UCB

A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM ARQUITETÔNICA

A capacidade da arquitetura em comunicar é constantemente negligenciada diante dos interesses que a envolvem. Seu caráter artístico, muitas vezes, leva as pessoas a julgarem toda a composição arquitetônica apenas por sua aparência externa, ignorando o fato de que se trata de um conjunto de elementos que tem a capacidade de transmitir informações e exercer influência sob quem os presencia. CHOAY (2001, p.231) expõe que:

Por um lado, a arquitetura é a única arte cujas obras exigem ser percorridas fisicamente. Só ela exige deslocamentos, percursos, desvios que implicam o envolvimento de todo o corpo e que não podem ser substituídos pela percepção visual isolada.

Essas características únicas evidenciadas pela autora citada acima também esclarecem a relação íntima que a arquitetura estabelece com as pessoas, e por isso há uma importância em enaltecer a linguagem arquitetônica. O homem encontra-se em contato constante com a arquitetura tendo a oportunidade de vivenciar a sua arte, e não apenas apreciá-la como espectador.

Outro ponto importante a ser destacado é em relação a produção arquitetônica e sua busca por suprir necessidades humanas. Geralmente ao se pensar na concepção de novos espaços, a maior prioridade, e muitas vezes a única, é o fim para o qual

ele se destina, entretanto, considerando o caráter complexo do comportamento humano e o contato direto entre o homem e o espaço, esse tipo de entendimento levará a obras insatisfatórias, que acabam por se perder dessa relação humana.

Rasmussen (2002, p.13), entende que a compreensão da arquitetura está relacionada com os instintos humanos, precisamente no que diz respeito a descobertas e experiências, principalmente considerando nossa interação com objetos inanimados. A arquitetura deve priorizar também essa interação e explorar esses instintos, que são necessidades importantes a serem supridas para garantir a comunicação e o entendimento dela como linguagem. O homem mantém memórias de suas experiências e faz associações a partir daquilo que já vivenciou. Ao cultivar esses aspectos humanos, incentiva-se a leitura do espaço em sua totalidade.

Essa linguagem arquitetônica também será determinada pelo modo com o qual ela se relaciona com seu entorno e como ocorre essa interação. Para compreender como será caracterizada essa relação, é importante destacar previamente que qualquer edificação vai exercer de alguma forma impactos sob a área em que se insere, e essa influência não é observada apenas no espaço ou na paisagem, mas também se manifesta em características imateriais, como o comportamento das pessoas em relação ao uso do espaço. Mesmo sem ter um entendimento claro sob os preceitos que envolvem determinados projetos, toda interferência no meio

transmite algo àqueles que estão em contato com o espaço e, consequentemente, influi no modo como as pessoas irão agir diante dessa interferência.

Podemos usar como exemplo o Eixo Monumental de Brasília. As edificações que o compõem não possuem o mesmo efeito caso sejam desassociadas do conjunto em que se inserem. Esse espaço foi projetado de modo a ressaltar a escala monumental e o poder político que ali se instala e essas características se destacam pela disposição dos edifícios, como o Congresso Nacional que se encontra centralizado ao fim do segmento das vias, e os ministérios que estão dispostos ao longo dessas vias e levam a este ponto central. Além disso, os grandes canteiros mantidos entre os conjuntos de edifícios também têm esse papel de destacar o poder político, logo, é fácil perceber o caráter desse espaço, que impõe um certo tipo de comportamento e se expressa de alguma forma.

O exemplo citado demonstra como o edifício se relaciona com seu entorno, nesse caso, o tipo de experiência a ser vivenciada foi previamente determinada. Entretanto, existem casos em que o todo não é levado em consideração, o que não quer dizer que não haverá impactos naquele espaço. Seguindo essa linha de pensamento, é interessante evidenciar as críticas que surgem diante de algumas obras contemporâneas, em que se aponta uma perda de significação urbanística dada pela falta de relação com o espaço urbano em que se insere. Esse problema acontece em detrimento do momento de glo-

balização em que se vive, em que muitas vezes o valor da cultura local é mantido em segundo plano, priorizando a implementação de obras monumentais. Dessa forma, elas acabam não representando uma identidade ou significação local relevante, perdendo também o valor artístico, já que exibem problemas para se relacionar. A questão é que essas obras são produzidas em diferentes locais do mundo, com uma tendência de homogeneização, sem considerar as variações e características singulares de onde se inserem.

Esse fenômeno leva a implantação de edificações que não criam relações e não coexistem com a significação daquele ambiente. Considerando que o termo espaço confere uma área ou extensão física, e o termo lugar possui caráter antropológico, ou seja, se relaciona com o comportamento humano, é considerado um não lugar aquele espaço que não se caracteriza como identitário, relacional ou histórico (AUGÉ, 2012, p.73). Esse conceito ajuda a esclarecer que a falta de relevância dada ao modo como a arquitetura se relaciona com o seu espaço e com o comportamento humano contribui para concepção de ambientes que distanciam, produzindo uma linguagem que comunica de forma superficial, e consequentemente faz com que as pessoas não se identifiquem com o espaço.

Dessa forma, fica claro que a arquitetura se apresenta como um tipo de expressão e que ela se comunica diretamente com as pessoas que fazem contato com sua obra, com o entorno em que se insere e com

tudo com que se relaciona. Essa comunicação faz com que a edificação exerça influência sob esses aspectos, mas o tipo de influência vai ser determinada pelo modo como essa linguagem é abordada.

OS ELEMENTOS QUE TRANSMITEM A LINGUAGEM

Como já foi apontado, a arquitetura se expressa a partir de um conjunto de elementos que são responsáveis por imprimir diferentes percepções e que se apresentarão de maneira singular para cada pessoa. É importante descrever o modo com que se criam essas impressões e que tipo de características que fazem com que se estabeleça essa relação entre as pessoas e a edificação, onde os sentidos humanos são provocados pelo objeto inanimado e fazem associações diretas com o espaço.

Rasmussen trabalha detalhadamente o modo com que a arquitetura estabelece essa comunicação com as pessoas através de seus sentidos e instintos. Para isso, ele pontua e discorre acerca das características arquitetônicas responsáveis por essa relação. Assim como no processo de projeto, o processo mental do observador se direciona primeiro para as formas principais e depois seguem aos detalhes (RASMUSSEN, 2002, p.44). A partir desse conceito, entende-se que antes de olharmos diretamente para algo, nós recebemos uma impressão do que pode ser aquele objeto. Essa primeira percepção se dará principalmente no que diz respeito ao volume, a massa constituída e aos vazios existentes.

A composição e os contrastes entre o que é sólido e o que não tem preenchimento é o que passará essa ideia geral e fundamental do objeto. Essas características podem ser trabalhadas de diferentes maneiras, a disposição do jogo de volumes, por exemplo, características de profundidade, ou o acondicionamento dos espaços vazios, que podem contribuir para a formação de sombras, ideias de movimento, leveza, força, estabilidade, que vão ajudar as pessoas a caracterizarem aquela obra.

Entretanto, o uso das cores também pode ser responsável pela constituição desses efeitos e o modo como eles são transmitidos. Isso pode se dar pelo contraste ou pela relação que essas cores estabelecem com a forma, ou mesmo com as características presentes na paisagem em que se insere, gerando inclusive efeitos ilusórios. As cores podem transformar características da forma, do material constituinte, ou mesmo criar planos visuais, além de ajudar a expressar ideias e conceitos de um período.

A proporção é uma das características primordiais para a arquitetura. Alguns modelos foram elaborados para suprir determinados preceitos, e eles podem inclusive marcar um período. Para se aferir a proporção de uma obra, é necessário fazer medições e análises matemáticas, entretanto, uma pessoa que não tenha nenhum conhecimento diante dos métodos que constituem uma edificação, ainda pode sentir que a mesma imprime uma percepção harmônica ou desarmônica proveniente do modo como essa pro-

Fig 6 - Percepção de ritmo na fachada do Palácio da Alvorada em Brasília | Fonte: <https://www.archdaily.com.br>



porção está compondo essa edificação. Além da proporção, a escala também tem um papel fundamental no modo como a arquitetura se expressa e determina como o edifício se relaciona com as pessoas e com o entorno.

Outro elemento importante é o ritmo, que é facilmente identificado por qualquer observador, mesmo que não possa explicá-lo. O ritmo é determinado pela variação, tem uma certa regularidade se caracteriza como uma marcação, semelhante ao que nós vemos na música. Ele cria movimento e determina o segmento da edificação, como ela será percorrida visualmente ou mesmo fisicamente.

As texturas, por sua vez, têm um caráter singular e apresentam diversas possibilidades, dentre elas: revelar o caráter natural de seu material ou mascarar-lo, exibir padrões ou se apresentar de forma indefinida, caracterizar uma técnica construtiva ou um conhecimento antigo. Suas variações vão afetar o modo como a percepção de uma obra é expressa, mesmo que elas sejam muito sutis, e os materiais têm um caráter primordial nesse quesito, podendo criar efeitos marcantes para os usuários a partir do contraste ou variação de diferentes texturas, por exemplo.

A luz do dia é, por sua vez, um elemento que não está intrínseco na arquitetura e possui uma alta variabilidade, sendo que o arquiteto não tem um controle direto sob ela. Dessa forma, as aberturas têm papel fundamental para se definir o modo como a iluminação natural atuará no am-

biente e o efeito que ela causará. Ela pode ser utilizada para evidenciar texturas, elementos, ou mesmo mudar o caráter do recinto. Tudo isso será determinado pelo pé direito da edificação, a disposição das aberturas, a espessura das paredes e não apenas pelo tamanho das aberturas ou a quantidade de luz proporcionada. A arquitetura também vai direcionar o comportamento sonoro nos seus espaços, e isso pode ser definido através da forma, dos materiais, da escala e levar a uma distinção acerca da conduta das pessoas diante do recinto.

Todos esses elementos nos levam a descrever os espaços arquitetônicos com termos não literais, como uma forma de expressar o que esse conjunto que compõe determinado ambiente nos faz sentir, e que nem sempre pode ser descrito de forma palpável ou objetiva. A ideia de peso e leveza, por exemplo, não é necessariamente uma característica concreta e palpável, podendo estar relacionada com o peso em si da edificação, com o caráter de sua estrutura, ou com sua forma, com o modo como ela se comporta, com a impressão que sua geometria emprega, ou ainda com os efeitos de cores e luz, que independente do caráter físico, podem impelir um ar de leveza ao se observar a obra, dando a definição de um caráter intangível.

A FENOMENOLOGIA E A EXPERIÊNCIA DA ARQUITETURA

Antes de compreender como a fenomenologia se relaciona com a arquitetura, será

apresentado o seu conceito fundamental. O estudo da fenomenologia se inicia na filosofia com Husserl, no início do século XX. Suas ideias partem de um conceito antinaturalista, onde ele defende que a consciência não pode ser explicada pelas ciências naturais. Essa tentativa de reduzir essa consciência a uma explicação leva a uma generalização do homem e descarta a infinidade de possibilidades que a psique representa.

A definição mais básica de fenomenologia se dá como o estudo dos fenômenos, ou seja, é o estudo da experiência em si, logo, é importante ressaltar que o interesse primordial é a própria experiência. Cerbone (2012, p.15) explica que as experiências apresentam uma certa complexidade, considerando que não podem ser analisadas pontualmente e que representam mais do que é constatado num dado momento, daí se dá o caráter transcendental da fenomenologia, que busca considerar as diferentes possibilidades e variações das experiências.

Dessa forma, a fenomenologia surge para a arquitetura como um contraponto aos preceitos modernistas que vinham sendo difundidos pelo mundo. A implementação do International Style no movimento moderno estabeleceu regras e gerou uma padronização de suas obras, o que levou a críticas acerca do conceito de modernidade. O que surgiu como um movimento que buscava sempre se auto-rever, vinha produzindo edifícios a partir de ideais pré-estabelecidos.

A arquitetura estava se estabelecendo diante de um forte racionalismo, com segmentos como “forma segue a função” ou “a casa é uma máquina de morar”, que não consideravam a complexidade do homem e do espaço. A fenomenologia surge então para a arquitetura, assim como para a filosofia, buscando priorizar essa complexidade. A arquitetura fenomenológica vai explorar a relação do edifício com o homem e como se dá essa experiência, ou seja, ela vai trabalhar diretamente a linguagem arquitetônica.

Como nós estamos falando de duas questões importantes – a arquitetura e a experiência –, destaca-se a importância do corpo e dos sentidos no estabelecimento dessa conexão. Entende-se que a relação entre a mente e o objeto se dá por intermédio do corpo, cuja ideia é exposta no seguinte trecho:

“É na concepção de corpo que Marleau-Ponty insere a temática da arte pois esse corpo não é a coisa entre coisas e sim sede das articulações das significações, fonte do cogito pré-reflexivo.” (LOUBET, 1993, p.26).

Marleau-Ponty entende que o corpo é onde se permite estabelecer significação ao objeto e validar a experiência, logo, essa significação só se concretiza por intermédio do corpo humano. Entende-se que a prioridade é a própria experiência proporcionada pela obra, e não a obra em si. É a partir dessas ideias exploradas por Marleau-Ponty que o arquiteto Juhani Pallasmaa se aprofunda no entendimento

da arquitetura fenomenológica e explora a importância da relação entre o homem e o espaço a partir de seus sentidos.

Pallasmaa, em concordância com Merleau-Ponty, entende que o corpo em sua totalidade se configura como o centro de todas as nossas experiências com o mundo e no mundo. Se nesse ponto entendemos que a fenomenologia destaca a atribuição de significados e sentidos por meio das nossas experiências com o mundo, podemos concluir, assim como Pallasmaa, que a arquitetura pode contribuir para nos sentirmos pertencentes, parte desse mundo.

Pallasmaa também critica a supervalorização da visão e das imagens, que assim como foi abordado no início da discussão, é como muitas vezes se entende a arquitetura, que acaba sendo vendida apenas por sua agradabilidade visual. Para ele, os sentidos trabalham de forma complexa e integrada, e não isoladamente, e as experiências se constroem a partir dessa integração que compõe e agrega significação tanto ao mundo, quanto ao ser que o vivencia. Nesse caso, ele destaca a visão periférica que não segrega, mas inclui seu observador no quadro que se observa e o torna parte do todo.

Uma das questões mais abordadas pela fenomenologia é o estudo dos múltiplos modos de se perceber um objeto e em nenhum momento ela se restringe a um ponto de vista ou uma única percepção, ela entende que essas variações são ilimitadas. Logo “[...] uma obra de arquitetura

gera um todo indivisível de impressões”. (PALLASMAA, 2012, p.42). Assim como foi destacado ao longo da discussão, a arquitetura faz parte de um conjunto de elementos, é o conjunto de tudo que constitui a linguagem arquitetônica – as texturas, a iluminação, o entorno – e Pallasmaa entende que as impressões causadas só se constituem a partir desse todo que vai gerar múltiplas impressões que compõem a sua experiência. Pallasmaa vai discutir como os elementos que foram descritos anteriormente nos afetam e sua importância dentro do todo.

Nesse ponto, pode-se entender a importância de se conceber a arquitetura como um espaço para ser vivenciado, percorrido, explorado em caráter sensível e corporal. A arquitetura puramente racional ou visual não atende a complexidade da percepção humana. Para a fenomenologia, a concepção dessa arte deve levar em consideração tanto o conjunto de tudo que transmite a sua linguagem arquitetônica, como o conjunto e a integração dos sentidos humanos.

A partir desse entendimento conclui-se que “a função atemporal da arquitetura é criar metáforas existenciais para o corpo e para a vida que concretizem e estructurem nossa existência no mundo.” (PALLASMAA, 2012, p.67). A arquitetura possui uma função muito além da necessidade primária e mais básica para que se constitui, ela atribui significação tanto para o mundo como para o homem. Ela ajuda a caracterizar a cultura e compreender as mudanças e variações marcadas pelo

espaço e pelo tempo, além daquilo que permanece e se mantém, ajudando também o homem a se identificar e se perceber como ser pertencente a este mundo. A fenomenologia na arquitetura destaca o caráter de transcendência que está além de suas definições de espaço ou qualquer característica concreta, pois a arte está em contato direto com as pessoas e é vivenciada por elas. E é essa experiência entre o ser e o objeto é que vai lhes conferir identidade.

O avanço da tecnologia e a globalização permitiram muitas trocas e avanços, entretanto, no caminho, as concepções arquitetônicas muitas vezes passaram a se distanciar do que é humano. Suas características que representam cultura e significação deram lugar a outros interesses, o que levou a um distanciamento dessa experiência, gerando os não lugares. O estudo da arquitetura enquanto fenômeno vem como uma necessidade de reação a esse tipo arquitetura desassociada do contexto antropológico e do mundo, buscando nas obras uma relação em que o homem viva e se sinta como parte do mundo.

ANÁLISE DE DIFERENTES EXPRESSÕES ARQUITETÔNICAS E SUA RELAÇÃO COM O HOMEM

A arquitetura ajuda a caracterizar diversos períodos da história, contribuindo para criar uma identidade, seja de uma época, de uma cultura ou de uma ideologia. Muitas obras se tornam símbolos e possuem grande representatividade. Muitas vezes,

o que faz essas obras serem tão singulares é a experiência que elas proporcionam, mesmo com o passar dos anos. O conjunto de seus elementos e a forma com que a arquitetura se relaciona com o todo, cria uma identidade. E é exatamente o que é apontado pela fenomenologia – o homem cria uma ideia de pertencimento a partir de sua experiência com o objeto, compreendendo ambos como parte de um mundo real.

A casa é a tipologia arquitetônica em que o homem mais tem contato, tornando-se um reflexo de sua identidade. Um dos primeiros registros de residência unifamiliar em meio urbano que se têm é a casa romana, conhecida como domus. Ela possuía não só a função de abrigo, mas já se caracterizava como um ambiente de reunião e rituais. A planta dessas casas obedece a um certo padrão, o acesso se dava por meio de um espaço denominado vestíbulo, e no centro da casa encontra-se o atrium, em torno do qual se distribuem os outros ambientes. Normalmente, no atrium encontram-se o impluvium e o compluvium, onde se canalizava as águas pluviais e criava-se um microclima com iluminação e ventilação natural, além de garantir uma vista do céu.

Segundo Oates (1991, p.26) “na cidade de Pompeia, [...] os arqueólogos puseram a descoberto rua após rua, casas com pavimentos de mosaico, paredes com fresco pintados, pátios com colunas, água corrente [...]” Dessa forma, atualmente grande parte da cidade de Pompeia se mantém conservada. As casas abertas ao

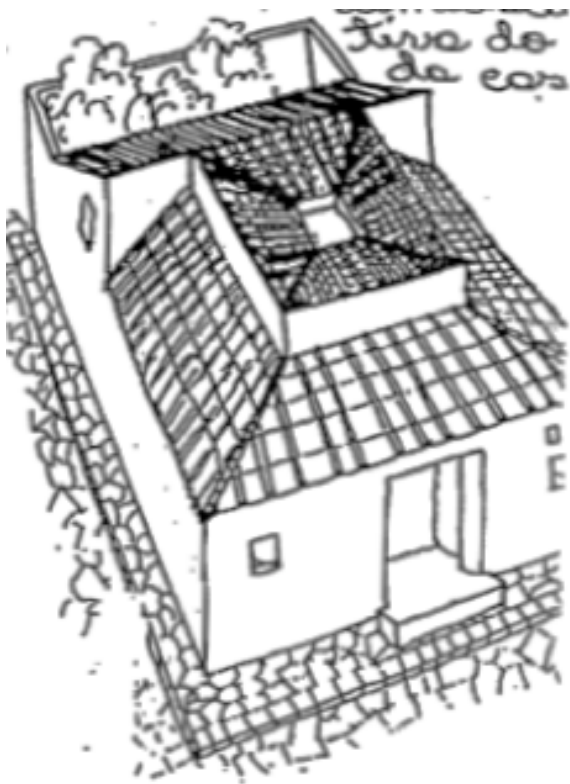


Fig 7 - Casa em Pompeia com visualização aérea do átrio | OATES, 1991, p.25



Fig 8 - Casa de Casca Longus aberta à visitação | <https://historiaartearquitectura.com>



Fig 9 - Coliseu em Roma | Fonte: <https://www.archdaily.com.br>

público guardam a identidade de um povo e permite que as pessoas ainda tenham contato com o antigo estilo de vida romano. É de grande relevância a importância da experiência vivenciada pelas pessoas que visitam as antigas casas romanas atualmente, e a relação com a experiência vivida por seus primeiros habitantes. Destaca-se os fatores de iluminação, ventilação, as pinturas, o caráter dos ambientes, a definição do espaço individual, as texturas empregadas e a significação que esses espaços internos se apresentavam na época e como esse conjunto de elementos, aliado ao seu caráter histórico, se apresenta hoje e os efeitos que eles imprimem nas pessoas. Todos esses aspectos representam uma arquitetura que estava totalmente relacionada com o homem e que explorava a ligação entre o corpo e a mente humana. Essas implicações transcenderam o tempo e ainda afetam os atuais visitantes, de alguma forma.

Por sua vez, podemos citar também o Coliseu Romano, que possui uma tipologia de caráter bem distinta da mencionada anteriormente, e até hoje é considerado uma obra de muito valor. Esse interesse é despertado pela arquitetura em si, independentemente de sua função. Entende-se que o valor com que as pessoas atribuem ao Coliseu não se mantém apenas por sua aparência, a obra exerce uma ligação com o homem a partir de seus sentidos e proporciona um tipo de experiência relevante para as pessoas, mas que se distingue, por exemplo, da domus, que possui características diferentes e uma composição

de elementos totalmente distinta, levando a uma experiência completamente diferente.

O Coliseu é um anfiteatro que foi palco de diversos espetáculos entre gladiadores e animais selvagens, e essas apresentações garantiam o entretenimento do povo. Uma de suas características mais marcantes é a sua escala monumental e suas proporções, com uma estrutura bem imponente – três fileiras de arcos sobrepostas com colunas de diferentes ordens para cada nível, que garantem a verticalidade e caracterizam sua fachada. A sua composição ajudava também a separar os espectadores de acordo com sua classe social, por meio de três diferentes níveis.

A imponência que a obra emprega e as sensações que ela transfere às pessoas se dá a partir do conjunto de seus elementos, como a textura de seus materiais, os volumes das colunas e dos arcos e os efeitos de luz e sombra. Sua configuração gera curiosidade, espaços a serem descobertos e instiga os instintos humanos de diferentes formas. Mesmo sem saber sobre sua concepção histórica ou das implicações técnicas, as pessoas hoje são afetadas pela obra de algum modo, pelos padrões de proporção, pela escala, pelos materiais, etc...

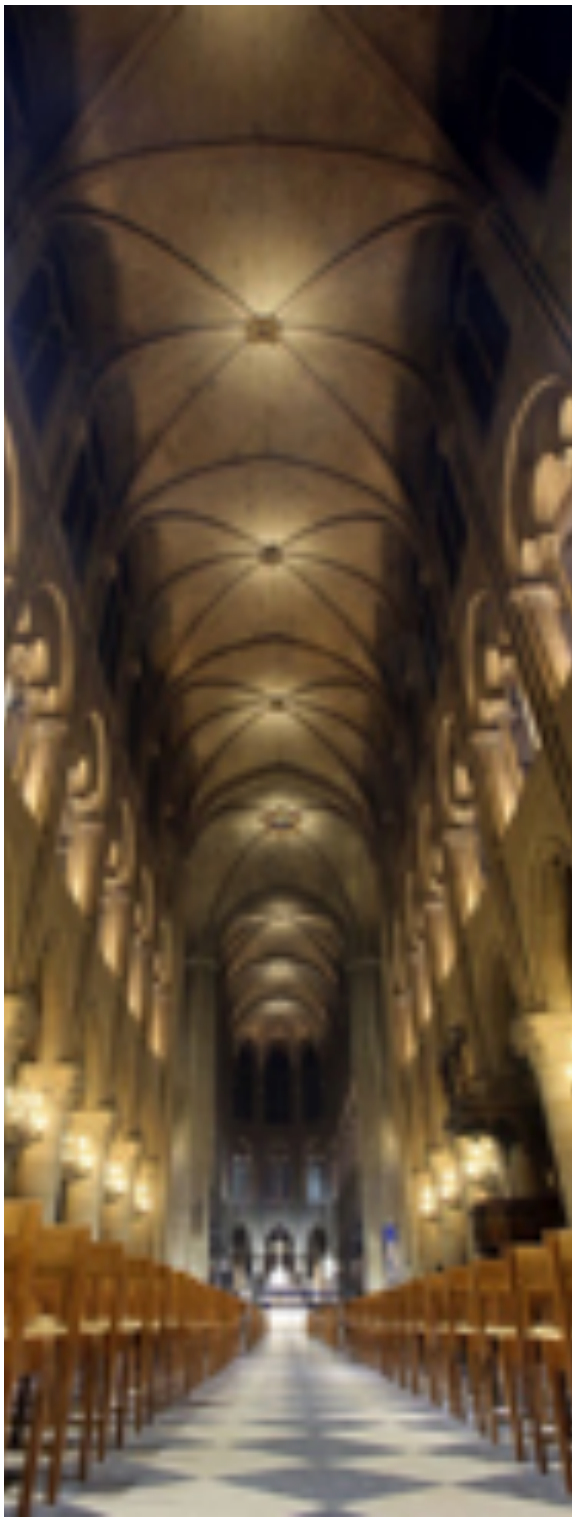
Em ambas as obras citadas, é importante ressaltar a distinção experiencial proporcionada nos diferentes períodos históricos. Em um primeiro momento, onde as construções se apresentavam em seu caráter original, a arquitetura e o conjunto



Fig 10 - Vista interna do Coliseu em Roma | Fonte: <https://www.archdaily.com.br>



Fig 11 - Catedral de Notre Dame | Fonte: <https://www.archdaily.com.br>



de seus elementos mantinham uma configuração e significação específica dentro de seu contexto. Atualmente, a partir das ações do tempo e das mudanças sociais, o caráter dessa experiência se transforma, o conjunto dos elementos arquitetônicos não se apresentam mais em sua configuração original. Desse modo, a percepção das pessoas diante dessas obras não terá o mesmo efeito e significação que se vivenciava antigamente. Enfim, há uma grande variação dessa experiência, daí o caráter transcendental da fenomenologia.

Já na arquitetura gótica, buscava-se uma aproximação com a presença divina e isso se refletia nas suas catedrais. A experiência vivida nas catedrais góticas era primordial para aproximar o povo do conhecimento religioso, por isso se explorava o uso da luz natural, de vitrais, gárgulas, ambientes internos amplos, maior verticalidade que direcionava os olhares aos céus, permitida pelo desenvolvimento do arco ogival.

Dentre as catedrais góticas, a de Notre Dame em Paris se destaca como uma das mais antigas. Ela possui escultura em pedra, explora os cheios e vazios, tem padrões de proporção bem definidos que podem ser observados nas fachadas, movimento expresso em suas formas e muitas texturas. Há nessa obra também uma escala monumental, mas com um caráter diferente do Coliseu que conserva espaços abertos. Em Notre Dame, os espaços internos possuem um pé direito extremamente alto. Ela chegou a inspirar a literatura como na obra "O Corcunda de Notre Dame", levando a crer que sua

composição inspira o imaginário, ou seja, mesmo sem conhecerem seus fundamentos, a obra marca as pessoas de alguma forma e proporciona percepções que despertam a mente. Como as igrejas góticas tinham intenção de aproximar a ideia do divino nos seus espaços, seus elementos estão constantemente estimulando os sentidos humanos, e algumas características como a questão da iluminação, leva as pessoas a fazerem associações, o que ajuda a tornar a obra muito marcante e distinta quanto a experiência que ela proporciona.

Todas essas obras, mesmo tendo sido idealizadas em diferentes períodos, culturas e circunstâncias, além de apresentarem diferentes tipologias, tem um valor para as pessoas, além do histórico, além da funcionalidade. As pessoas sentem vontade de percorrer, de observar, sentir e perceber como se constituem esses espaços.

CONCLUSÃO

A arquitetura deve estabelecer uma ligação com as pessoas, não só pela sua função, mas ela pode ajudar a intensificar a experiência das atividades que abriga, explorando a vivência da própria arquitetura, garantindo que o lugar em si proporcione uma interação ativa com as pessoas, para que elas valorizem também todos os elementos que compõem esse espaço, e não só sua funcionalidade ou seu caráter visual. Essa relação é estabelecida quando as pessoas conseguem fazer associações e criar uma identificação, por isso, é muito importante a consideração dos contextos

em que ela se insere, tanto urbano, quanto cultural, histórico, ambiental, tudo que poderá influir no estabelecimento de sua linguagem.

A fenomenologia, ao voltar sua atenção aos fenômenos em si, provenientes da relação do homem com o mundo, ajuda a destacar a importância de se priorizar a própria experiência que as pessoas irão vivenciar, e não o valor da obra por si só. Esse pensamento contribui para a criação de obras que possam transcender, que estabelecem sua significação por meio da interação humana e comunicam de forma relevante. Esse pensamento pode ser exemplificado pelas obras discutidas, que apresentam grande valor para a população por proporcionar experiências que estimulam seus instintos e permitem que as pessoas estabeleçam conexões e significação, mesmo que sua função não se mantenha.

BIBLIOGRAFIA

AUGÉ, M. Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9. ed. Campinas: Papirus Editora, 2012

CERBONE, D. R. Fenomenologia. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012

CHOAY, F. A alegoria do patrimônio. 1. ed. São Paulo: UNESP, 2001

LOUBET, M. S. Estudos de estética. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993

OATES, P. B. História do mobiliário ocidental. 1. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1991

PALLASMAA, J. Os olhos da pele a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2012

RASMUSSEN, S. E. Arquitetura vivenciada. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002